
Internacionalização em casa: a experiência da ESEC

✧ **Susana Gonçalves**

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra

Resumo

O artigo está centrado na importância da internacionalização para as instituições de ensino superior e foca, em concreto, a internacionalização doméstica. Uma vez definidos e fundamentados os conceitos de internacionalização e internacionalização em casa, será apresentado o caso da ESEC e identificadas as estratégias de internacionalização adoptada por esta escola. Serão apresentados exemplos de algumas das facetas da internacionalização em casa (Semana Internacional, actividades de *Peer tutoring*, Integração dos estudantes Erasmus e CPLP e Mobilidade de docentes *incoming*) e discutido o seu interesse e valor para o sucesso da internacionalização da ESEC.

Palavras-chave

Internacionalização, Ensino superior, Internacionalização em casa (IeC), ESEC

Abstract

The article discusses the relevance of internationalization for higher education institutions and focuses, in special, internationalization at home (IaH). Concepts are defined and according to such concepts a study case is presented: ESEC's measures and strategies concerning domestic internationalization. Amongst such programmes the example of International weeks, *Peer tutoring activities*, welcoming and integration of international students and teaching staff will be presented and evaluated in their role of key international activities for for the success of ESEC's internationalization.

Key-words

Internationalization, Higher education, Internationalization at home (IaH), ESEC

Knight definiu a internacionalização académica como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global nos objectivos, funções e ofertas da educação pós-secundária” (2004, p. 11). Trata-se de uma definição simples, clara e abrangente, amplamente aceite e difundida. Inclui a mobilidade académica de estudantes e professores, a investigação e o desenvolvimento de projectos em equipas internacionais, a internacionalização do currículo, o alinhamento de procedimentos, estruturas e sistemas de avaliação, a certificação e uso de critérios comuns de qualidade e o recrutamento de estudantes e docentes estrangeiros (Bartell, 2003; Knight, 2004; OCDE, 1996; Gonçalves, 2009; Varela, 2005).

Apesar da simplicidade da definição, o conceito é complexo e multifacetado. No presente artigo tomo por base esta definição, embora me mantenha centrada apenas na faceta da internacionalização a que se convencionou designar por internacionalização doméstica (IaH – *internationalization at home*), ou seja, as actividades académicas internacionais que se traduzem em novas oportunidades educativas sem que se exija a mobilidade de docentes ou estudantes nacionais para o estrangeiro (Crowther *et al.*, 2000; IAU, 2007). Focarei, em especial, as estratégias de internacionalização desenvolvidas pela ESEC nos anos recentes e procurarei identificar das linhas de intervenção futura que melhor contribuirão para consolidar o trabalho que esta escola tem vindo a desenvolver para se internacionalizar.

As dificuldades, os riscos e os desafios da internacionalização são expressivos e a resposta que lhes é dada pelas instituições é de importância crucial para o seu rumo futuro. Dispensó-me de enunciar tais riscos e desafios no contexto do presente artigo (para aprofundamento veja-se Gonçalves, 2009), mas não será demais repetir que a internacionalização é um fenómeno global (que se vem acentuado desde os anos oitenta) que, na actualidade, funciona como barómetro da adaptação e sobrevivência económica, social, cultural e académica das instituições de ensino superior em qualquer ponto do planeta. Como sugere Varela (2005), as funções da educação superior são mais facilmente reequacionadas quando analisamos a dimensão educativa deste fenómeno, especialmente na sua relação com sociedades multiculturais. A homeostasia e a coesão social nestas sociedades são difíceis de manter se as competências interculturais dos cidadãos e das instituições não forem reforçadas. Por via da internacionalização e de acções de educação intercultural, o ensino superior pode desempenhar um papel fundamental nessa educação social para a convivência e a cooperação internacional e intercultural.

Internacionalização em casa (IaH): um modelo transformativo

A EAIE (European Association for International Education) e a ACA (Academic Cooperation Association) definem Internacionalização em casa (IaH) com elegante simplicidade: qualquer actividade que possua uma dimensão internacional, à excepção das actividades que implicação a mobilidade para o estrangeiro de estudantes e docentes nacionais (“any internationally related activity with the exception of outbound student and staff mobility”, Crowther et al., 2000). Embora simples, esta definição refere-se a um fenómeno pouco simples, que afecta profundamente a vida das instituições de ensino superior e em especial, a eficácia do ensino (Nainby, Warren, and Bollinger, 2003): o ensino superior (ou qualquer outro nível de ensino) precisa, para ser eficaz, democrático, inclusivo e promotor do sucesso de todos, de se ajustar aos desafios da diversidade e ser concebido e praticado com essa diversidade em mente.

Bartell (2003) fala da internacionalização como um contínuo que começa por ser um *processo simbólico*, dirigido por considerações materiais – como o recrutamento de estudantes, certificação de cursos, competitividade institucional – e de alguma forma permeado por um certo grau de colonialismo conceptual e uma visão regionalista ou pouco cosmopolita, para se tornar aos poucos num *processo “transformativo”*, que passa a orientar-se pelo internacionalismo cooperativo, pelo dialogo e abertura a visões recíprocas e pelo interesse a apetência pela participação em comunidades internacionais. O nível mais evoluído do processo de internacionalização é mantido pelo envolvimento e compromisso efectivo do pessoal docente e não docente e pela visibilidade positiva das acções de internacionalização. Bond e Scott (1999, ref. In Hanson & Johnson, 2006), defensores de um modelo transformativo, propõem as seguintes medidas para que atingir este nível:

1. infusão de dimensão internacional no currículo;
2. uso de abordagens interdisciplinares para explorar os conteúdos curriculares;
3. ênfase à aprendizagem activa e experiencial;
4. integração das actividades curriculares com as actividades internacionais promovidas na instituição;
5. proposta de leituras e bibliografias enriquecidas com materiais de várias proveniências que promovam análises comparativas;
6. alargamento do conhecimento transmitido/ valorizado a, pelo menos, outro país ou cultura para além da nacional;
7. encorajamento de reflexões sobre a cultura própria e a forma como esta influencia os modos de pensar.

Trata-se de acções de IaH de extrema importância que funcionam de um modo

subtil, associando as actividades de internacionalização, a educação e comunicação intercultural, o desenvolvimento curricular e a concretização de uma pedagogia activa, crítica e centrada no estudante. A internacionalização em casa pressupõe tanto as actividades extracurriculares e os processos ligados ao recrutamento de estudantes e docentes como as actividades curriculares. A internacionalização do currículo é uma dimensão essencial da IaH e caracteriza-se pela existência de currículos com uma “orientação internacional presente nos conteúdos, tendo em vista preparar os estudantes para um desempenho (profissional/social) em contextos internacionais e multiculturais e sendo planeado tanto para estudantes nacionais como internacionais” (OCDE, 1996, p. 36).

As boas práticas em matéria de internacionalização dos currículos (ver recomendações e de McTaggart, 2003; Whalley, 1997) contribuem para que os estudantes compreendam melhor os contextos nacionais e internacionais, a diversidade e o multiculturalismo e para que desenvolvam mais rapidamente a competência intercultural necessária para a adaptação a estes contextos e para o sucesso futuro em circunstâncias de trabalho em equipas internacionais e interculturais (Odgers & Giroux, 2006; Oten, 2003; Schuerholz-Lehr & van Gyn, 2006; Whalley, 1997). A educação internacionalizada prepara os estudantes para viverem e trabalharem em sociedades multilingues e multiculturais, ajudando-os não só a utilizar e produzir conhecimento disciplinar, mas também a tornarem-se cidadãos activos e responsáveis no mundo globalizado, aptos para comunicar além das fronteiras disciplinares, linguísticas e culturais (Liddicoat, 2004). A educação intercultural e a promoção da competência intercultural são, por isso, uma vertente indissociável dos objectivos do ensino superior, como temos vindo a defender (Gonçalves, 2008b; 2009) e, em consequência, um são também um dos principais motes e metas da internacionalização.

A internacionalização do currículo é, em suma, uma das mais relevantes dimensões da IaH. Mas há actividades institucionais extracurriculares que são também excelentes oportunidades educativas e que incluem (Gonçalves, 2008a):

1. experiências de aprendizagem interculturais e internacionais (e.g., semanas internacionais);
2. debates, exposições e ciclos temáticos multi e interculturais (cinema e outras artes, colóquios, eventos literários...);
3. comunidades de prática e projectos conjuntos entre estudantes nacionais e internacionais;
4. peer tutoring e serviço voluntário que promova a cooperação entre estudantes nacionais e internacionais;

5. promover o uso das TIC para facilitar a mobilidade virtual;
6. fomentar a aprendizagem de línguas estrangeiras;
7. formação livre sobre outras culturas;
8. formação em Comunicação intercultural.

De seguida passo a apresentar algumas medidas de internacionalização doméstica que têm vindo a ser ensaiadas pela ESEC, sob minha coordenação ou iniciativa, das quais algumas já bastante testadas e outras ainda em fase de arranque ou consolidação. Pela sua natureza e resultados considero que merecem ser conhecidas e divulgadas e, eventualmente, tomadas como exemplo de práticas a seguir por outros docentes e instituições.

Exemplos da internacionalização doméstica na ESEC

A breve reflexão e o estudo de caso que pretendo efectuar de seguida vai estar mais focada do acolhimento de estudantes e docentes estrangeiros, mas esta opção não significa que estes aspectos sejam mais importantes que outras facetas, porventura menos visíveis, da internacionalização em casa. Não se pode falar do acolhimento sem se ter em conta as competências linguísticas, interculturais e pedagógicas dos docentes; não se pode falar da internacionalização do currículo sem se ter em conta as políticas e filosofias educativas subjacentes à missão definida por uma escola; não se pode falar de práticas pedagógicas sem se ter em conta o valor dos financiamentos destinados à internacionalização (incluindo as verbas proporcionalmente atribuídas a gabinetes de relações internacionais, salários de pessoal adstrito a actividades internacionais, apetência pelo financiamento de projectos de internacionalização, gastos com traduções, investigação e estudos aplicados ou formação de docentes). Dito isto passarei a descrever algumas medidas em uso na ESEC que merecem, em minha opinião ser, conhecidas e divulgadas como exemplos de boas práticas de internacionalização doméstica.

1. A Semana Internacional da ESEC/ IWE (International Week of ESEC)

A Escola Superior de Educação de Coimbra organiza semanas internacionais desde o ano lectivo 2001-2002, tendo concretizado a sexta edição em Março de 2009. Incluindo actualmente importantes facetas científicas, culturais e interculturais, este é o acontecimento que maior visibilidade regional, nacional e internacional dá à escola. Gradualmente, a Semana Internacional foi ganhando expressão, visibilidade e prestígio e, enquanto conceito, expandiu-se a áreas e dimensão não previstas quando, em Novembro de 2002, a ESEC reuniu pela primeira vez um pequeno grupo de

docentes europeus que se deslocaram a Coimbra no âmbito do programa Erasmus.

Este é um exemplo de sucesso em internacionalização que merece ser divulgado. O conceito de semana internacional é sobejamente conhecido e são muitas as instituições de ensino superior que organizam iniciativas similares. Há vários modelos em uso e cada instituição acaba por adequar o evento às suas necessidades, recursos e objectivos próprios. Não existem fórmulas universais para o sucesso da internacionalização: esta deve fazer-se de acordo com a história, missão, finalidades, recurso e contingências próprias de cada instituição, como, de resto, é sublinhado por muitos autores (Bond, 2006; Knight, 2004; Schoorman, 1999). Na Europa, o mais comum, no entanto, é integrar na semana internacional um programa académico de aulas, sendo os professores estrangeiros recebidos por um dos professores locais para leccionar uma ou mais aulas aos seus estudantes. Geralmente, este tipo de eventos inclui também um programa cultural, que facilita o conhecimento mútuo entre os docentes da instituição de acolhimento e os docentes estrangeiros, incluindo actividades sociais e culturais como, por exemplo, um passeio cultural pela cidade ou região.

Porém, ao longo dos anos, a ESEC foi desenvolvendo um conceito próprio que distingue a IWE do que é comum encontrar-se noutras instituições. Iniciada como estratégia para gerir com mais eficácia o acolhimento de *teaching staff* que visitava a ESEC no âmbito do programa Erasmus, a iniciativa depressa revelou ter maior potencial. Embora mantendo esta dimensão estratégica e continuando a ser vista como oportunidade para promover a cooperação internacional futura (projectos de I&D e de intervenção pedagógica), hoje a IWE é também uma acção de internacionalização transformativa privilegiada, através da qual se procura garantir o acesso de todos os docentes e estudantes da ESEC a perspectivas e abordagens internacionais, envolvendo a escola como um todo e não apenas um gabinete de relações internacionais e alguns docentes e estudantes.

Ao mesmo tempo que evoluiu de objectivos exclusivamente pedagógicos e científicos, passou também a dedicar especial atenção às manifestações culturais, artísticas, sociais e interculturais que a ocasião favorece, devido à quantidade e diversidade de subprojectos que lhe passaram a estar associados. Foi-se tornando cada vez mais importante e visível o envolvimento directo dos estudantes como actores (não apenas como receptores) da produção de acções e conhecimentos. A implicação da comunidade externa, através de várias parcerias e iniciativas conjuntas, tornou-se um facto incontornável, fazendo jus à vocação politécnica da ESEC e à missão de criar sinergias com a comunidade e promover o desenvolvimento local e regional. A internacionalização não é uma premissa incompatível com esta orientação regional,

pelo contrário, facilita a sua concretização.

A ESEC conseguiu fazer da IWE não apenas uma semana de intercâmbio e mobilidade docente ao abrigo de programas de cooperação internacional, como o Erasmus (o que foi a essência das primeiras semanas internacionais da ESEC), mas também, um verdadeiro congresso (*students congress*), um fórum de debate internacional entre docentes e investigadores da ESEC e de universidades e organizações europeias, norte-americanas, africanas e do Médio Oriente. Além disso, já estão lançadas as bases para futuras iniciativas de expressão mais alargada que envolvem a cidade e suas instituições e cidadãos e que não se esgotam no espaço intramuros da ESEC, antes se expandem pela cidade e por outros centros da vida social, cultural, política e económica da cidade. Estas possibilidades emergentes resultam em grande medida do estabelecimento de parcerias institucionais com empresas e organismos municipais e do benefício mútuo confirmado e reconhecido.

Quais são, então, as características distintivas da IWE e onde reside o segredo do seu sucesso? Qual a imagem de marca deste evento e quais as características do conceito que esta comunidade académica (cerca de 2000 pessoas) foi criando ao longo de meia dúzia de anos? Em minha opinião o segredo é óbvio e reside nos valores que estão por detrás do conceito: inclusão, co-responsabilização, complexidade, diversidade, interdisciplinaridade e rigor. Os valores são abstrações, mas é possível vê-los concretizados. O quadro anexo revela a sua concretização com a IWE2009.

Pela sua expressão e visibilidade, esta iniciativa já é tomada em várias universidades europeias como referência e modelo para iniciativas similares, dado o sucesso e carácter inovador dos eventos organizados nos anos anteriores. Têm sido várias as universidades europeias, que, inspiradas pela ESEC, passaram a organizar semanas internacionais, com maior ou menor variação no modelo implementado e há casos de profissionais que nos têm visitado para observação *in loco* da semana internacional.

2. Peer tutoring: conversation partners programme e estudante-tutor

Nos programas de *peer tutoring* os estudantes aplicam as suas competências em contextos colaborativos e solidários, desempenhando um papel de apoio e de ensino informal a colegas ou outros indivíduos que possam beneficiar dessa ajuda. Na ESEC têm vindo a ser testados dois programas de cooperação entre pares, o programa de conversação e o programa de estudantes-tutores. Passo a apresentar estes programas.

2.1 O programa de conversação

A ESEC desenvolve, desde há dois anos, o Programa de Conversação e

Comunicação Intercultural/ *Conversation Partners Program*, actualmente em fase de aperfeiçoamento. A iniciativa foi adaptada de um programa existente na Ohio State University e de que tive conhecimento por altura de uma visita de estudo ao campus dessa universidade em Columbus. O programa baseia-se numa fórmula e em premissas simples, a saber:

1. aprende-se mais facilmente uma língua se tivermos necessidade de a usar (princípio utilitarista e motivacional);

2. a integração social e cultural dos estudantes internacionais é facilitada ou reduzida em função do seu domínio da língua local;

3. a integração dos estudantes internacionais nos grupos de pares é uma condição importante para o sucesso académico e para a imersão cultural no país de acolhimento (papel securizante da pertença ao grupo);

4. a conversação em registo informal entre jovens estudantes facilita a aprendizagem da cultura e da língua e promove interacções sociais emocionalmente benéficas para o estudante internacional (a aprendizagem ocorre mais facilmente em contextos reais/naturais do que em contextos artificiais);

5. os estudantes nacionais envolvidos em interacções sociais com colegas estrangeiros desenvolvem competências interculturais importantes (e.g., sensibilidade intercultural, conhecimentos acerca de outras culturas, horizontes culturais e cognitivos mais alargados, maior versatilidade emocional e intelectual para lidar com o choque intercultural; redução do preconceito e da exclusão).

Os estudos nesta área são unânimes em reconhecer a validade destas premissas. A investigação também mostra que o contacto diário em contextos escolares entre grupos étnicos diferentes conduz com frequência à exclusão e ao evitamento dos estudantes de grupos diferentes (Dixon, Durrheim & Tredoux, 2007). A presença da diversidade cultural não é um factor promotor da interacção social entre membros de grupos étnicos distintos, como poderia supor-se. Allport (1954) demonstrou que para que a hipótese do contacto inter-étnico (considerada por muito tempo como a condição ideal para a harmonia intercultural e a resolução de conflitos inter-étnicos) é insuficiente só por si. Para que funcione é necessário que haja igualdade de estatuto, interdependência cooperativa e um contexto (normas) de suporte e segurança que favoreça o contacto entre os grupos. O estudo de Liebkind e McAlister (1997), pró sua vez, mostra que a observação de relações próximas equilibradas e agradáveis entre membros do grupo cultural de pertença e do grupo de comparação é uma experiência que promove atitudes intergrupais mais positivas o que facilita a redução de estereótipos e preconceito. O apoio social e institucional é importante para que o

clima social seja favorável ao contacto intergrupar e para que este seja bem sucedido, gerando relações de confiança, amizade e bem-estar pessoal e social.

O programa de conversação tem em conta o que acabamos de dizer e corresponde a uma estratégia de muito fácil aplicação e enormes ganhos, multilaterais e significativos para todos os envolvidos. Nos últimos dois anos, este programa já foi testado e usado no âmbito de duas unidades curriculares (Relações Interpessoais e curso de Língua portuguesa para Erasmus), tendo implicado a colaboração de alguns docentes e do Gabinete de Relações Internacionais.

O programa pode ser adoptado de formas variadas, mas apresento aqui (ver anexo 2), partes do protocolo em uso na ESEC. Como se pode ver, são dados temas de conversação aos estudantes (o protocolo é apresentado em versão bilingue, português e inglês), mas a intenção é que funcionam como ilustração e quebra-gelo para os primeiros encontros, pois quando os estudantes desenvolvem um certo grau de empatia a conversa acaba por fluir, seguindo o rumo imprimido pela relação estabelecida e pelas necessidades, interesses e grau de amizade que os estudantes vão desenvolvendo. O sucesso do programa depende bastante do grau de envolvimento dos estudantes, da empatia que conseguem criar e do apoio que lhes é dado. Há que melhorar as condições de implementação, em especial distinguir melhor as formas de participação, responsabilidades mútuas e resultados esperados consoante o envolvimento dos estudantes é de natureza curricular (a actividade contribui para avaliação académica) ou extracurricular (a actividade é de voluntariado e pode ser registada no suplemento ao diploma). Também é necessário o suporte aos estudantes nacionais para que o seu nível de motivação não seja reduzido por causa de obstáculos como horários desfasados, dificuldades de comunicação ou choque cultural. Este programa pode funcionar como um dos mais poderoso esquemas de promoção do contacto intercultural. Embora haja aspectos a melhorar, os estudantes (especialmente os internacionais) têm-se referido ao programa como algo que a ESEC deve manter e proporcionar a mais pessoas, pois além de ser uma experiência útil e inesquecível é também uma boa oportunidade para conhecer e ajudar o outro e quebrar barreiras culturais.

2.2 Estudante-tutor

A integração dos estudantes internacionais pode ser facilitada por mecanismos de apoio social que façam uso da tutoria entre pares (*buddy system*). Este tipo de programas é especialmente eficaz nos primeiros tempos da mobilidade internacional, quando as barreiras da língua e cultura e os problemas de orientação e logística são

mais notórios e prementes. A ESEC desenvolveu, através do seu Gabinete de Relações Internacionais, um destes programas de apoio pelos pares. Com a antecedência de um ou dois meses relativamente à chegada dos estudantes estrangeiros, é lançado um convite aos estudantes da ESEC para a inscrição como estudante-tutor. As actividades a desenvolver são muito simples:

1. *logística* – ajudar a procurar quarto, tratar de documentação, adquirir bens necessários...

2. *orientação na cidade* - localização de correios, farmácia, centro de saúde, paragens de autocarro... monumentos e locais de interesse histórico e cultural;

3. *integração na vida estudantil* – centros da vida estudantil e jovem: cantinas, bibliotecas, cafés e discotecas...

4. *integração académica* – informação sobre os cursos e disciplinas, docentes, gabinetes e serviços da escola, procedimentos, sistema de avaliação...

A ocupação dos estudantes nacionais envolvidos neste programa varia muito com as solicitações e circunstâncias especiais dos seus colegas estrangeiros, mas o mais habitual é que a necessidade deste tipo de apoio se esgote nas primeiras duas semanas, findas as quais o estudante internacional inicia a sua agenda de actividades académicas e começa a estabelecer a sua própria rede social e amizades. A partir do momento em que possui já um mapa mental mais ou menos claro sobre as circunstâncias deste período de vida que acaba de iniciar, o estudante internacional vê melhorada a sua autonomia e deixa de ser necessária a colaboração que o estudante-tutor lhe pode prestar. Mas fica, muitas vezes, a amizade e o apoio emocional que lhe está inerente.

Por vezes a relação entre os estudantes nacionais e estrangeiros estreita-se e desenvolvem-se amizades, mas dada a natureza temporária e utilitária deste programa nem sempre se verifica essa evolução. Apesar disso, já houve estudantes Erasmus a referir-me que a ajuda do seu colega português nos primeiros tempos em Coimbra tinha sido decisiva para superar as dificuldades logísticas, burocráticas e administrativas e facilitar a “sobrevivência” no meio estranho, ajudando a lidar com o stress (e por vezes também a angústia e a solidão) dos primeiros tempos e a adaptar-se mais depressa.

Este é um programa que deve ser mantido e desenvolvido, pois os professores e técnicos, por muito interessados que estejam em ajudar o estudante, não poderão ser tão úteis na integração na vida estudantil da cidade e na criação de redes sociais entre pares, quer pelo afastamento desses contextos quer pelas próprias barreiras e expectativas que são impostas com a diferença de estatutos.

3. Integração académica e promoção do sucesso dos estudantes Erasmus

3.1 Professor-tutor

Referimos que há zonas da vida estudantil em que os professores não podem auxiliar os estudantes internacionais; obviamente, há também outras zonas que são melhor exploradas com a ajuda de professores. A integração académica do estudante internacional beneficia com o apoio de colegas mas também carece de um apoio especial e especializado por parte de professores preparados para comunicar ao estudante expectativas positivas acerca do seu período de estudos e que os preparem para uma estadia academicamente bem sucedida. Os professores-tutores podem ajudar a compreender o sistema de ensino e aprendizagem em uso, as normas e regulamentos académicos, os modelos e práticas de avaliação e, acima de tudo, a definir (ou corrigir) o plano de estudos que irão prosseguir na instituição do e acolhimento.

Muitas vezes, estes estudantes trazem expectativas e ideias desajustadas á realidade académica local, o que se traduz em mal-entendidos, acções inapropriadas e erros de decisão. Isto é especialmente visível na definição de planos de estudos. Com falta de informação ou informação desadequada, estes programas de estudos individualizados podem ser mal estruturados e tornar-se incompatíveis com as necessidades, pré-requisitos e interesses do estudante e do seu curso e instituição de origem. Estes desajustamentos são facilmente evitados ou corrigidos em sessões de aconselhamento com um professor-tutor designado de entre os docentes do curso ou área científica do estudante. A ESEC tem em vigor um sistema de tutoria e aconselhamento académico, curricular e pedagógico no qual qualquer docente pode participar. A atribuição de um professor-tutor a cada estudante internacional é uma medida sensata e eficaz para evitar os problemas identificados, o que se verifica na experiência institucional com este programa que conta já com cerca de seis anos. Muitos dos problemas pedagógicos e académicos com que os estudantes e confrontavam anteriormente são agora antecipados e evitados o que é uma importante mais-valia para o sucesso do período de estudos e para a satisfação das instituições de envio com o acolhimento que a ESEC dá aos seus estudantes.

3.2 Semana de orientação

O Gabinete de Relações Internacionais da ESEC organiza desde há alguns anos uma semana de orientação que decorre antes do início de cada semestre e se destina a facilitar a integração dos estudantes Erasmus. A iniciativa favorece a chegada dos estudantes na mesma data e o acesso simultâneo a informação sobre a escola e permite que se organizem sessões de informação colectivas, que decorrem ao longo da semana

e se destinam a:

1. apresentar a escola, serviços e pessoal,
2. apresentar os estudantes-tutores e professores-tutores e definir os seus momentos de encontro
3. esclarecer procedimentos e normas regulamentares do programa Erasmus;
4. iniciar a formação linguística
5. fazer um passeio de reconhecimento cultural pela cidade,
6. promover o convívio e conhecimento mútuo
7. proceder às ações inerentes ao processo académico do estudante, em especial no que respeita aos aspectos administrativos e á validação/correção do plano de estudos.

Esta prática tem-se revelado importante para a integração dos estudantes Erasmus, que se conhecer num contexto facilitador e acabam por criar vínculos afectivos e emocionais, funcionando provisoriamente como uma espécie de “turma”, ou melhor, como uma “proto-comunidade” que desempenha as funções próprias dos grupos de suporte. A semana de orientação, porque é organizada com duas semanas de antecedência em relação a início das aulas tem também a virtude de facilitar a agenda para as reuniões com estes estudantes, proporcionar uma formação linguística intensiva e, ao mesmo tempo, assegurar que o seu plano de estudo está definido quando as aulas começam e os estudantes podem definir o seu horário e iniciar os estudos sem percalços.

4. Integração dos estudantes lusófonos (CPLP)

Desde há muitos a ESEC tem vindo a receber estudantes de países lusófonos, cuja presença na ESEC resulta em grande parte do estabelecimento de protocolos intergovernamentais e interinstitucionais entre Portugal e os países de origem. Em muitos casos, no entanto, trata-se de uma escolha individual isolada, não dependente de apoios governamentais, tratando-se de casos de admissão ao abrigo dos contingentes especiais para estudantes estrangeiros. No ano lectivo 2008/2009 estudavam na ESEC 36 alunos estrangeiros (Não Erasmus) dos quais 32 oriundos da CPLP (maioritariamente de Cabo Verde e Brasil), 16 matriculados pela primeira vez neste ano lectivo. O curso de Turismo é aquele em que estão matriculados mis estudantes lusófonos estrangeiro (t=13), seguido de Comunicação Social (t=7) e Comunicação Organizacional (t=4) (*dados cedidos pelos Serviços Académicos da ESEC*). Estes não parecem números muito expressivos, mas a tendência é para que os estudantes internacional de países lusófonos continuem a escolher Portugal

para estudos superiores, quer de forma individual quer ao abrigo de programas de cooperação. A ESEC não deverá estar fora dessa tendência e para que o sucesso destes estudantes seja promovido é necessário encará-los na sua diferença e, apesar da língua comum, vê-los como estudantes internacionais, com necessidade de um tratamento condizente com esse estatuto e condição. Outro aspecto a ter em conta é o facto de que estes números excluem vários estudantes nascidos e criados em países estrangeiros e com identidades culturais não autóctones (por exemplo, timorenses) pois obtiveram a nacionalidade portuguesa estando matriculados como portugueses.

Apesar das marcações culturais e étnicas que diferenciam estes estudantes dos seus pares nacionais, eles são o grupo da população estudantil mais “invisível”: falam a mesma língua e há com eles um passado comum, vinculado à ainda recente história colonial. Ao contrário dos estudantes Erasmus, cuja presença é temporária (na maioria ficam apenas por um semestre) estes estudantes vieram para fazer o curso e a sua presença por ser familiar e banalizar-se. São destituídos do *apelo do exotismo* que, apesar de tudo, ainda está associado aos estudantes Europeus Erasmus.

Os *erasmus* chegam e permanecem em estado encantatório. Comunicam com clara dificuldade, já que raramente conhecem a língua portuguesa, mas a seu favor têm a imagem (sustentada pelos estudos) de que representam o grupo dos estudantes com maior sentido crítico, abertura intelectual e coragem. São aventureiros, curiosos, interessantes. A sua presença cativa pela oportunidade de contacto intercultural. Na sua maioria, regressam ao país com as unidades curriculares em que se inscreveram feitas e com boas classificações.

Em contrapartida, os estudantes lusófonos estrangeiros, em especial os africanos, catalogados de uma forma generalista como *palops* estão no grupo de risco académico e são mais facilmente sujeitos ao fracasso e reprovação. Alguns chegam a prolongar as matrículas por cinco, seis ou mais anos. Falam a língua, mas não a falam como nós. Conhecem o país, mas o seu conhecimento é marcado pelos erros da visão à distância; interessa-lhes fazer o curso, mas os assuntos tratados são tantas vezes alheios aos seus interesses anteriores e expectativas de futuro! Aprendem sobre regiões, países, costumes, conceitos, teorias de que nada sabiam á partida e que pouco relevo parecem ter para a qualificação profissional que esperavam obter quando decidiram tornar-se estudantes-emigrantes.

Ao chegar a Portugal, o encantamento e a lua de mel inicial na fase de adaptação existem também, como no caso dos estudantes Erasmus, mas a estadia prolongada torna mais visíveis as agruras administrativas e burocráticas e acaba por desmascarar os falsos brandos costumes e tolerância com que o povo português gosta de se catalogar.

O racismo subtil, a discriminação velada e a exclusão vão ganhando terreno. Uma estudante angolana disse-me uma vez: “não compreendo. Quando os portugueses chegam a Angola nós damos-lhe tudo o que temos de melhor, tratamo-los como reis e rainhas, queremos que se sintam bem. Lá gostamos dos portugueses, não pensamos no colonialismo, o passado lá vai. Mas aqui... Sinto que sou tratada como se fosse de segunda categoria. Sinto o racismo todos os dias” (citação de memória).

Merece a pena reflectir sobre o que será que marca a diferença no sucesso académico destes dois grupos de estudantes internacionais. A minha reflexão pessoal leva-me sempre a concluir que a diferença está no modo como os vemos. Ou melhor, como não os vemos. Aparentemente, os estudantes dos países lusófonos pertencem, por razão da língua comum, a uma mesma comunidade, mas esta identidade partilhada é superficial e enganosa, pois há mais mundo para lá da língua que se fala e da história colectiva comum. Estes jovens foram ensinados em sistemas de ensino formalmente diferentes do português, trazem consigo uma bagagem cultural substancialmente diferente da que possuem os seus pares nacionais; o seu capital intelectual é marcado por um historial educativo que privilegia conceitos, conhecimentos, saberes e aptidões diferentes dos que são privilegiados em Portugal; além disso, estes estudantes estão fragilizados por milhares de quilómetros de distância da família, amigos e contextos de vida familiares: é muito diferente caminhar numa rua de Coimbra ou de Luanda, viver na cidade da Praia ou nas vielas de uma aldeia de Timor-Leste, conviver com as culturas do Nordeste brasileiro ou as da Beiral Litoral. Assim escrito parece óbvio, mas as coisas óbvias passam despercebidas no dia-a-dia da rotina académica e os estudantes *não-erasmus* acabam por ser todos tratados por igual, como se o seu passado, presente ou futuro fosse igual. O tratamento igual é frequentemente o mais desigual e injusto, pois suspende a individualidade e a premência das necessidades e expectativas de cada estudante.

A lição maior que aprendi a este propósito foi-me dada por um dos meus estudantes, um jovem santomense que comparecia sempre às aulas e sempre me pareceu motivado e atento. No final do ano lectivo, na altura das avaliações recíprocas, pedi, como sempre, que falassem sobre o que havia sido a disciplina. Porque estavam inscritos alguns estudantes Erasmus, usei frequentemente como exemplo as suas culturas e nacionalidades e dediquei-lhes atenção visível, quer através dos projectos que propus à turma, quer através dos recursos que usei nas aulas (por exemplo, apresentações de suporte a exposições com texto em português e inglês). Sentia-me bem com o esforço que tinha desenvolvido para que todos se sentissem incluídos e esse esforço, eu sabia, era notado pelos estudantes, os nacionais e os Erasmus. De facto, os slides

bilingues resultaram da sugestão de um deles... O estudante santomense disse-me na última aula que tinha gostado e tinha aprendido. Que apreciara o ambiente intercultural. Que percebia a minha vontade em acolher bem os estrangeiros. Mas, por outro lado, eu tinha tido um estudante africano e ao longo do semestre, podia ter-lhe pedido um contributo, podia ter trazido África para as aulas e não o tinha feito. Com o embate desta verdade, acho que fiquei a olhar para ele sem dizer nada por muito tempo. Eu, pura e simplesmente, não tinha reparado. Ele estava atento, fazia perguntas em português, não me incomodava com perguntas para que explicasse melhor: era dos nossos, não exigia esforço maior! E afinal, eu tinha-o excluído durante todo o semestre. “A língua devia unir-nos, mas parece que nos separa”, disse esse jovem mais tarde, parafraseando muito bem George Bernard Shaw¹.

Este incidente faz-me compreender porque razão estes estudantes parecem dar-se apenas entre si (é raro vê-los misturados nos grupos informais, durante os intervalos de aulas) e a mágoa de se sentirem tratados como se fossem de segunda classe. Porque razão nós organizamos semanas de acolhimento para os Europeus? Porque os levamos a passear na cidade nos primeiros dias e lhes fazemos festas de natal? Porque traduzimos slides para eles? E porque não fazemos nada de especial para os africanos, brasileiros, timorenses, angolanos? Trata-se de uma forma subtil de discriminação, pois só damos conta dela através de um olhar e de uma voz emprestados.

Um grupo de docentes e técnicos da ESEC têm vindo, no entanto, a desenvolver um projecto de apoio à integração destes estudantes, tendo em vista o seu bem-estar psicológico, o sucesso académico, a integração e inclusão social. O projecto incide tanto nos estudantes estrangeiros lusófonos (com ênfase, por uma questão numérica, nos africanos) como nos seus pares e procura estimular a comunicação intercultural e o conhecimento mútuo. São estas as acções já empreendidas:

- Reuniões com estes estudantes para conhecer os seus pontos de vista, dificuldades e sugestões específicas (as reuniões, organizadas no 1º semestre do ano lectivo 2009-2010, contaram com a presença de vários docentes, estudantes, técnicos e estudantes, sendo dinamizadas por mim própria, na dupla qualidade de coordenadora do gabinete de relações internacionais e dinamizadora do projecto cultures@esec de que adiante darei conta);

- Dinamização de sessões de apoio ao sucesso académico e desenvolvimento de competências de estudo (com a colaboração e orientação do Núcleo de Apoio ao Aluno da ESEC);

- Elaboração de um website, que irá estar associado ao site do GRI/ESEC, intitulado

LUSOFONIA, orientado quer para o apoio aos estudantes internacionais wlusófonos (antes da chegada e durante a estadia no país) quer para dar a conhecer aos estudantes e docentes nacionais as suas culturas e países de origem. Pretende-se que este site ajude a quebrar as barreiras de dupla orientação á integração destes estudantes e favoreça o conhecimento e sensibilização cultural requeridos para que a boa convivência e o sucesso sejam viáveis e reais. Pretende-se, também, que o site supere a lacuna existente no apoio a estes estudantes e contribua para que o seu estatuto de estudantes internacional seja reconhecido e, daí, se passe a adoptar as medidas razoáveis para um tratamento não discricionário e mais atento à especificidade do seu estatuto.

- Desenvolvimento do cultures@esec, um projecto de turma (3º ano de Animação socioeducativa) que envolveu ao longo de um semestre todos os estudantes desta turma. Foram efectuados sete subprojectos destinados a promover a comunicação intercultural com os estudantes CPLP, a sua visibilidade positiva e o conhecimento mútuo. O projecto cumpriu os objectivos e foi uma excelente oportunidade para que os estudantes interagissem, cooperassem, aprendessem uns sobre os outros. A um momento inicial de formação sobre os países, culturas e povos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que incluiu a presença de vários testemunhos vivos e a apresentação de documentários e recursos ilustrativos, seguiu-se o trabalho de projecto dinamizado pelos estudantes no qual foram usadas várias formas de animação (gastronomia africana na cantina, música e dança, feira de artesanato, teatro e poesia, uma campanha de sensibilização, uma exposição, um ciclo de cinema de África, uma conferência). Pesem embora alguns contratempos a que o projecto esteve sujeito, e a sua classificação como “apenas um primeiro passo”, no final o projecto foi avaliado como positivo.

Os passos dados para garantir uma melhor integração dos estudantes internacionais da CPLP apenas percorreram o início do caminho, mas alguns frutos são já visíveis, entre os quais a decisão de duas estudantes finalistas (uma, do curso de Turismo, que é angolana e participou indirectas em algumas actividades do projecto cultures@esec; a outra, do curso de ASE, que esteve directamente envolvida) de continuarem a desenvolver este trabalho como estagiárias do GRI.

Outros passos estão a ser dados como seja o aperfeiçoamento do modelo de sessões de apoio ao estudo ou a possibilidade de os estudantes CPLP beneficiarem dos programas de conversação e estudante-tutor no início da estadia na escola, etc.). Este grupo de estudantes tem sido frequentemente chamado a colaborar em projectos internacionais, tal como a semana internacional o que, por um lado, tem ajudado a melhorar a sua auto-confiança e apreço pela instituição e, por outro lado,

tem contribuído para melhorar a sua imagem perante docentes e colegas. Finalmente, são já muitos os professores que aceitam que estes estudantes têm necessidades de formação específicas e que encaram a sua presença em Portugal como uma presença temporária. Os países de que estes jovens são originários precisam deles e isso deve estar presente na forma como os ensinamos, para que não sejamos nós, por distração, mentores do *brain drain* ou *fuga de cérebros*, de um dos maiores flagelos dos países em desenvolvimento (Gonçalves, 2008b).

5. Mobilidade de docentes Erasmus estrangeiros para a ESEC

A Semana Internacional, que já mencionámos, é o acontecimento que mais contribui para a mobilidade de docentes estrangeiros que visitam a ESEC. No entanto, ao longo de todo o ano são recebidos docentes estrangeiros, em especial no âmbito do programa Erasmus. Para além das oportunidades de investigação e desenvolvimento de projectos de intervenção internacionais que se criam com os contactos efectuados durante a sua estadia, estas visitas académicas de professores estrangeiros são uma das melhores oportunidades para a internacionalização do currículo, especialmente quando incluem uma missão de ensino e contacto directo com estudantes.

O ensino de qualquer tema varia com as orientações teóricas, experiências, competências e intenções dos docentes. Também os factores individuais, como a personalidade, estado emocional ou grau de motivação contribuem para distinguir as aulas dadas por diferentes professores. A nacionalidade, a cultura de origem e a língua materna são também factores a ter em conta e estes são factores preponderantes quando se trata de professores internacionais. Ao ser exposto a esta diversidade o estudante aprende não apenas sobre os conteúdos que estão a ser leccionado, mas também sobre a pessoa e a cultura que personifica. Uma aula com um professor estrangeiro é mais uma porta aberta para o desenvolvimento cultural da competência intercultural do estudante. Os métodos e recursos audiovisuais e multimédia escolhidos, os exemplos dados, os autores, teorias e livros propostos, tudo contribui para que o estudante alargue os seus horizontes intelectuais e culturais. A continuidade é importante no ensino. Uma mesma disciplina só ganha a sua devida coerência e sentido quando todas as aulas foram dadas, os recursos de aprendizagem utilizados e a avaliação feita. Só nesse momento o estudante obtém um quadro completo daquilo que o professor lhe quis facultar. Por isso, é importante um certo grau de monodocência dentro de cada unidade curricular. No entanto, a abertura da sala de aula (ou de qualquer outro espaço de aprendizagem) a outras propostas é muito salutar. Habitualmente, os professores que defendem esta perspectiva desenvolvem o hábito de complementar

as suas lições com convidados que apresentam testemunhos, dinamizam exercícios ou debates, expõem temas e problemas nas suas aulas. Trata-se de aceitar o desafio da flexibilidade criativa no ensino. Ao agir desta forma, o professor troca parte da segurança de conteúdos curriculares rígidos e algum do seu controlo sobre os acontecimentos da aula, pela dádiva aos estudantes de experiência de contacto real com a diversidade de pensamento.

O que acabo de dizer aplica-se, naturalmente, à presença e intervenção de docentes estrangeiros, com a vantagem de que um ensino, ainda que pontual, ministrado por docentes de origem nacionais diversas, contribui para colmatar a desvantagem dos estudantes que não tiveram a oportunidade de viajar e beneficiar da experiência de estudar por algum tempo no estrangeiro.

A recepção de docentes internacionais é um dos aspectos mais importantes da IaH, se a analisarmos do ponto de vista dos estudantes nacionais. Também é importante em termos institucionais como forma de revigorar as práticas de ensino e a abertura do próprio corpo docente à internacionalização. O contacto com colegas de universidades estrangeiras é um bom antídoto para ideias acerca do ensino superior de base nacionalista e veladamente xenófoba. As convicções estereotipadas que fomos desenvolvendo acerca da qualidade do ensino em certos países (uns sobreavaliados, outros subvalorizados) diluem-se e são postas à prova nestes encontros. Quanto mais oportunidades tivermos para observar o ensino e métodos usados por outros colegas; quanto melhor conhecermos as suas competências e as virmos ser aplicadas; quanto mais pudermos debater problemas e estratégias de solução, quanto mais pudermos reflectir em conjunto, mais inseguras se tornam essas convicções generalistas e mais apurada se torna a nossa capacidade de análise e avaliação crítica.

Um dos efeitos mais saudáveis e rápidos que tenho observado nos encontros interculturais entre académicos é a suavização desses estereótipos que resulta da inevitável comparação. É assim que interpreto as comuns constatações de que “afinal o trabalho deles tem qualidade. São melhores do que eu pensava”, ou o veredicto de que “andava enganado. Isto também sou capaz de fazer!” e a tradução aliviada na ideia de que “afinal lá não são assim tão bons e cá não somos assim tão maus”. São ainda, é claro, ideias de superfície e generalizações, mas a revisão dos estereótipos é sempre um bom começo para que se ultrapassem. Santo Agostinho terá dito que “o mundo é como um livro e aquele que não viaja é como se apenas lesse a primeira página”. Acrescento que se pode viajar em casa. Basta abrir a porta e convidar o estrangeiro para entrar. Ele nos dará a ler algumas páginas mais dessa experiência sublime que é a aprendizagem intercultural.

Conclusão

Se tivermos em conta os indicadores e medidas do grau de internacionalização que são propostas para as instituições de ensino superior por Brandenburg & Federkeil (2007) e Paige (2005), os primeiros autores a partir de uma perspectiva europeia, o segundo a partir de uma perspectiva norte americana, rapidamente nos apercebemos que falta à ESEC percorrer um longo caminho para atingir a sua plena internacionalização. E embora possa dizer, de acordo com a minha experiência, que é uma das ESEs mais internacionalizadas, contribuindo grandemente para que também o IPC seja um dos institutos politécnicos nacionais mais internacionalizados, o certo é que apenas foram dados os primeiros passos, os passos mais visíveis: estabelecimento de acordos de cooperação internacionais², à mobilidade efectiva de docentes e estudantes e à integração em redes e associações académicas internacionais. O trabalho menos visível, mas mais impactante a longo prazo, a IaH, que implica a internacionalização dos currículos, o recrutamento de docentes e estudantes no estrangeiro, ao estabelecimento de estruturas de apoio à internacionalização, a atribuição de fundos claros para a internacionalização, a associação da internacionalização ao desenvolvido da competência intercultural de docentes, staff não docente e estudantes, a oferta de diplomas conjuntos com universidades estrangeiras, a publicação de revistas científicas de carácter internacional, etc. Embora não seja de todo um tema inovador no ensino superior, em Portugal e em especial na instituição a que a ESEC pertence, o Instituto Politécnico de Coimbra, este terreno da internacionalização doméstica, sobretudo ao nível das práticas de internacionalização transformativas, está ainda grandemente por desbravar, como facilmente concluímos quando aplicamos os critérios internacionais sugeridos por Brandenburg & Federkeil, 2007 ou Paige (2005).

Defendo a internacionalização mas não a todo o custo e, embora reconheça a sua dimensão económica, creio que deve prevalecer uma internacionalização responsável, orientada por valores humanistas e pela intenção de promover o contacto, a aprendizagem e a cooperação intercultural. É um desafio para o ensino superior porque é um desafio para a sociedade multicultural. Aceitar esse desafio é uma responsabilidade institucional e passa enormemente pelas políticas de gestão. Mas é, acima de tudo, um desafio individual a cada um dos membros da comunidade escolar e muito especialmente aos do corpo docente.

Nenhuma instituição se move sozinha ou por decreto e não avança de todo se não forem as pessoas a fazê-la mover-se com a energia do seu trabalho e com o seu esforço. O rumo da internacionalização de qualquer escola depende também, por

isso, do esforço de cada um dos seus professores para se internacionalizarem a si mesmos e para oferecerem um ensino de qualidade internacional aos seus estudantes. Da matemática à ética, das tecnologias à língua, dos estudos sociais às artes, todos os domínios de formação superior podem e devem ser de horizonte alargado. Não há disciplinas ou conteúdos privilegiados para a internacionalização do currículo, dos professores e dos cursos.

A capacidade de olhar melhor e mais longe foi sempre o que levou à ascensão das civilizações. Também foi sempre a miopia cultural, o medo do estrangeiro e a endogamia aquilo que as levou à queda e destruição. No ensino superior contemporâneo, a vocação cosmopolita, intercultural e internacionalista não é uma opção, é uma necessidade.

Bibliografia

- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Bartell, M. (2003). Internationalization of universities: a university culture-based framework. *Higher Education*, 45, 43-70.
- Bond, S. (2006). *Transforming the culture of learning: Evoking the international dimension in Canadian university curriculum*. Consultado em 24 de Maio de 2008, <http://international.yorku.ca/global/conference/canada/papers/Sheryl-Bond.pdf>
- Brandenburg, U. & Federkeil, G. (Julho, 2007). *How to measure internationality and internationalisation of higher education institutions! Indicators and key figures*. CHE- Working paper No. 92. Berlim: CHE (Centre for Higher Education).
- John Dixon, J., Durrheim, K., & Tredoux, C. (2007). Intergroup contact and attitudes toward the principle and practice of racial equality. *Psychological Science*, 867-872. Consultado em 3 de Maio de 2008, <http://www.psych.lancs.ac.uk/people/uploads/JohnDixon20071008T153013.pdf>
- Gonçalves, S. (2008a). Ensino superior, cidadania e competência intercultural. In Sousa, F. & Carvalho, C.(Org.). *Educação para a cidadania – Actas da conferência ibérica*. Lisboa: CIEFCUL [CD-ROM].
- Gonçalves, S. (Fevereiro, 2008b). Aprendizagem intercultural: estratégias pedagógicas para o Ensino Superior. Comunicação apresentada no *6to Congreso Internacional de Educación Superior UNIVERSIDAD 2008*. Palacio de Convenciones de La Habana, Havana.

- Gonçalves, S.; (2009, Malmo). *The role of internationalization in the promotion of intercultural competence*. Proceedings of the Eleventh European CiCe Conference: Human Rights and Citizenship Education.
- Hanson, L.; & Johnson, M. (2006). *Internationalization, social transformation and global citizenship: an evaluation of global health*. Draft paper submitted (for publication). Consultado em 3 de Setembro de 2008, <http://www.yorku.ca/yorkint/global/conference/canada/papers/Lori-Hanson.pdf>
- IAU (2007). *Internationalization: concepts and definitions*. Consultado em Abril de 2009, http://www.unesco.org/iau/internationalization/i_definitions.html
- Knight, J. (2004). Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8 (1), 5-31.
- Liddicoat, A. (2004). *Internationalisation as education. Paper presented at a university-wide seminar on: The intercultural in teaching and learning at the University of South Australia, 21 June 2004*. Consultado em 3 de Maio de 2007, <http://www.unisanet.unisa.edu.au/learningconnection/staff/practice/internationalisation/documents/models.pdf>
- Liebkind, K. & McAllister, A. (1997). Extended contact through peer modeling to promote tolerance in Finland. *European Journal of Social Psychology*, 29, 765-780.
- McTaggart, R. (2003). *Internationalisation of the curriculum*. Consultado em 20 de Junho de 2008, http://www.jcu.edu.au/teaching/idc/groups/public/documents/staff_publications/jcuprd_016751.pdf
- Nainby, K., Warren, J. T., & Bollinger, C. (2003). Articulating contact in the classroom: toward a constitutive focus in critical pedagogy. *Language and Intercultural Communication* 3(3).
- Odgers, T., & Giroux, I. (2006, March 2-3). *Internationalizing faculty: a phased approach to transforming curriculum design and instruction*. Paper presented at Internationalizing Canada's Universities: Practices, Challenges, and Opportunities symposium. Consultado em 2 de Junho de 2008, <http://www.yorku.ca/yorkint/global/conference/canada/papers/Odgers-Giroux.pdf>
- Organization for Economic and Co-operation development (1996). *Internationalization of Higher Education*. Paris: OECD.
- Otten, M. (2003). Intercultural learning and diversity in higher education. *Journal of Studies in International Education*, 7(1), 12-26.
- P. Crowther, M. Joris, M. Otten, B. Nilsson, H. Teekens & B. Wächter (2000). (Eds), *Internationalisation at home: a position paper*. European Association for
-

- International Education [EAIE]* [Netherlands], Amsterdam. Consultado em 5 de Outubro de 2007, <http://www.eaie.org/IaH/IaHPositionPaper.pdf>
- Paige, R. M. (2005). *Internationalization of higher education: performance assessment and indicators*. Consultado em 5 de Outubro de 2007, <http://www.cshe.nagoya-u.ac.jp/publications/journal/no5/08.pdf>
- Schoorman, D. (1999). The pedagogical implications of diverse conceptualizations of internationalization: A U.S.-based case study. *Journal of Studies in International Education*, 3(2), 19-46.
- Schuerholz-Lehr, S. & van Gyn, G. (2006, March 2-3). *Internationalizing pedagogy or applying pedagogy to internationalism - the journey of a professional development workshop*. Paper presented at Internationalizing Canada's Universities: Practices, Challenges, and Opportunities symposium. Consultado em 6 de Junho de 2008, http://www.acadiau.ca/fountaincommons/teaching/documents/Sabine-Schuerholz-Lehr_000.pdf
- Varela, L. M. (2005). El referente de la internacionalización y sus inherencias para la educación superior pública. *Revista Educación*, 29 (2), 11-33.
- Whalley, T. (1997). *Best practice guidelines for internationalising the curriculum*. Consultado em 20 de Abril de 2009, <http://www.jcu.edu.au/office/tld/teachingsupport/documents/Whalley-Best-Practice.pdf>

■ Anexo 1. Semana internacional da ESEC (IWE): conceitos e acções

Acções para a concretização do conceito: inclusão

- Comunicação com a cidade e região - envolvimento de empresas e organismos locais e regionais como parceiros; maior projecção na cidade;
- Envolvimento de entidades externas como parceiras do projecto.
- Estatuto de Year's Partner e uso do logótipo do Ano Europeu 2009 Criatividade e Inovação;
- Envolvimento de estudantes internacionais (Erasmus e lusófonos) que habitualmente estão na margem dos acontecimentos académicos
- Maior visibilidade ao trabalho dos estudantes e áreas científicas;
- Investimento nas actividades práticas (workshops e sessões práticas)
- Conferências com tradução simultânea (Port.-ing. e Port.-Língua Gestual Portuguesa)
- Invocação do capital intelectual e competências do corpo docente, não docente e discente

Acções para a concretização do conceito: co-responsabilização

- Envolvimento de estudantes na organização do programa
- Desenvolvimento de inúmeros projectos de aprendizagem (estudantes supervisionados por docentes) em articulação com os cursos e projectos de intervenção [Projecto de gastronomia criativa (IWE2009): os estudantes trabalharam com professores, integrando o projecto nas suas disciplinas; houve alunos (IWE2008 e IWE200)) a dinamizar, em regime autónomo, oficinas práticas]
- Implicação de todos os cursos da ESEC e envolvimento significativo dos docentes; Actividades da IWE integradas em estágios profissionais de estudantes finalistas
- Envolvimento de pessoal não docente, todos os gabinetes técnicos e maioria dos serviços da ESEC e em actividades de organização do evento

Acções para a concretização do conceito: complexidade, diversidade e interdisciplinaridade

- Adopção de um tema aglutinador com projecção interna (relevante para cursos da ESEC) e externa (interesse mediático, atraindo o olhar público para os projectos desenvolvidos pela ESEC e para contribuições dos convidados e participantes na IWE [2008: Identidade, Diversidade e diálogo Intercultural; 2009: Criatividade e Inovação; 2010: Sustentabilidade])
- Conferências e actividades de acesso livre, lado a lado com workshops de pré-Inscrição e aulas tradicionais
- Fortalecimento do programa cultural e criação de ambiente internacional, cultural e intercultural: [Mostras de arte e exposições de estudantes, docentes e artistas exteriores à ESEC; animação cultural associada ao programa social e académico (e.g., workshops de dança e música, bailarico nocturno; Inclusão de diferentes áreas de expressão artística (ciclo de cinema de qualidade, vídeo-arte/ vídeo-animação, arte digital, teatro e artes cénicas, conto oral/ histórias populares, literatura e escrita criativa, fotografia, escultura, artes decorativas, artes plásticas, pintura, design e artes visuais, ilustração, música, dança e várias manifestações de fusão entre linguagens artísticas)]

- Reforço da dimensão científica, cultural e internacional; Extensão programa de actividades científicas (conferências plenárias, seminários, painéis, workshops) e agenda cultural com manifestações culturais e artísticas relevantes
- Derivação do evento em projectos de médio e longo prazo e produtos materiais perenes
- Publicação do livro Criatividade e Inovação - memória científica da IWE2009.
- Publicação de programa-catálogo, com design gráfico de designers finalistas da ESEC - memória cultural da IWE2009.

Acções para a concretização do conceito: rigor

- Qualidade nas conferências plenárias; Convite a individualidades e especialistas de prestígio nacional e internacional para proferirem conferências ou participarem em outras actividades do evento
- Organização do evento num registo profissional
- Elaboração de cadernos de encargos, relatórios, gestão orçamental; desenvolvimento de estratégias de marketing e comunicação com os media;
- Divulgação intensiva através de meios diversos e alternativos (cartazes, dossier de imprensa, website oficial, trailer de animação multimédia, catálogo/ agenda, Reportagem televisiva...

■ Anexo 2. Protocolo do programa de conversação em uso

(versão simplificada e parcial, com exclusão de imagens e alteração da formatação)

Objectivos: o programa destina-se a promover a aprendizagem da língua e cultura portuguesa por parte do Estudante Erasmus e desenvolver a competência intercultural por parte do estudante português. Os conteúdos da conversa são livres. As conversas devem ser espontâneas, informais e tratar tudo o que os estudantes estejam interessados em conversar. Não é o conteúdo que importa, mas sim o desenvolvimento da capacidade de comunicação através da fronteira linguística e cultural. O diálogo poderá começar por fazer-se com recurso a mais do que uma língua, mas o objectivo é que a língua portuguesa se torne progressivamente a língua preferencial de comunicação.

Descrição: Consiste em acordar com um dos estudantes Erasmus estrangeiros recebidos durante o semestre um programa de encontros e conversação em língua portuguesa. Poderão participar no grupo um estudante estrangeiro e de um até três estudantes portugueses. Os estudantes deverão acordar um horário e local para conversarem durante, pelo menos, uma hora, ao longo de pelo menos um mês.

Vantagens para o estudante Erasmus

- Aprende mais rapidamente a língua e a cultura portuguesa, o que facilita a sua integração

- Sentir-se-á apoiado e bem-vindo. Estar sozinho num país diferente é uma experiência fascinante mas difícil. O apoio de um colega que ajude a ultrapassar as dificuldades é algo inesquecível.

Vantagens para o estudante português

- Estabelece uma relação intercultural real; Diverte-se e pode fazer novos amigos
- Aprende sobre outro país e cultura; Aprende normas e símbolos de outra cultura;
Desenvolve o apreço pela diversidade

- Aprende a identificar semelhanças e diferenças entre a sua cultura e a do colega estrangeiro

- Tem oportunidade de ser útil a outra pessoa, ao mesmo tempo que aprende e se desenvolve com esta relação.

Registo e avaliação da experiência: Os estudantes envolvidos (nacionais e estrangeiros) devem registar o seu compromisso, preenchendo um boletim que lhes será entregue no GRI. No final deverão entregar uma ficha com as impressões sobre a participação na experiência.

Orientações para as sessões de conversação

Este guia foi criado para facilitar os encontros e a conversação. Os temas são meras sugestões, mas foram escolhidos entre temáticas de interesse para a integração

cultural dos estudantes e para aumentar os seus conhecimentos sobre as culturas e países de origem. Espera-se que contribuam para gerar experiências de aprendizagem mutuamente benéficas.

O programa complementa eventuais aulas de língua portuguesa (de carácter mais formal, as aulas centram-se no vocabulário, fonética e gramática) dando ênfase à troca de informação informal entre os estudantes e permite que os estudantes envolvidos aprendam algo sobre a cultura do seu parceiro de conversação, desenvolvam a sua sensibilidade intercultural e, eventualmente, criem laços de amizade e internacional.

Para aproveitar o máximo desta experiência procure saber o mais possível sobre a cultura e país de origem do seu colega estrangeiro, procure ser sensível e respeitar as convicções políticas e crenças religiosas, faça os possíveis para que se encontrem o mais possível, mantenha a mente aberta e pense de forma positiva. O mais importante é que ambos sintam gosto e prazer em conversar, que se divirtam enquanto aprendem e que se respeitem mutuamente. Nunca deixe de pensar que ambos estão a aprender e que esta actividade beneficia tanto o estudante estrangeiro como o nacional.

Nota. De seguida apresentam-se aos estudantes orientações práticas sobre como conduzir as sessões de conversação. São dados treze temas de conversa e formas de os explorar, indicando o objectivo e formas de preparação para que a conversa seja produtiva. Não reproduzimos o guia, dada a sua extensão, mas indicamos os temas, para que se tenha uma ideia da sua natureza:

FERIADOS – Aprender sobre dias especiais ao longo do ano e como são celebrados.

VIAGENS E TRANSPORTES – Aprender sobre a geografia e turismo no país.

ALIMENTAÇÃO – Aprender sobre a alimentação e refeições típicas do dia-a-dia e de ocasiões festivas; eventualmente, experimentar pratos típicos/especiais e trocar receitas

FAMÍLIA – Aprender sobre estruturas familiares (família nuclear e alargada), valores e estilos de vida em família.

RITUAIS – Aprender sobre usos e costumes para comemorar momentos importantes.

USOS E COSTUMES – Aprender sobre comportamentos, etiquetas, normas, crenças e provérbios interessantes.

EDUCAÇÃO – Aprender sobre os sistemas educativos e métodos de ensino.

EMPREGO – Aprender sobre oportunidades de emprego na cidade e sobre empregos em *part-time*, durante o curso.

COMUNICAÇÃO – Aprender sobre linguagem, expressões, gestos e estilos de comunicação.

SISTEMAS NUMÉRICOS – Aprender sobre as diferenças em termos de moeda e sistemas de medida (temperatura, distância numeração nas roupas e calçado...).

DESPORTOS E LAZER – Aprender sobre os *hobbies* um do outro e sobre desportos e passatempos em cada país.

ARTE E ENTRETENIMENTO – Aprender sobre actividades de lazer e valores culturais

ASSUNTOS SOCIAIS – Aprender sobre aspectos socioeconómicos, religiosos e políticos

Orientações e temas adaptados por Susana Gonçalves, a partir do guia desenvolvido por Edna Bautista (Professora de Comunicação Intercultural, Dept. de Comunicação, Rutgers, The State University of New Jersey

Notas

1 “England and America are two countries separated by a common language” (frase atribuída a G. Bernard Shaw); Oscar Wilde escreveu algo semelhante, em O fantasma de *Canterville*, referindo-se também aos EUA e à Inglaterra: “*We have really everything in common with America nowadays except, of course, language*”.

2 É de registar que a ESEC tem 102 acordos Erasmus firmados com 87 departamentos/ faculdades/escolas de 74 instituições de ensino superior de 22 países europeus e mais alguns convénios de cooperação académica com países terceiros, em especial o Brasil.

Correspondência

Susana Gonçalves
Escola Superior de Educação de Coimbra,
Praça Heróis do Ultramar – Solum
3030-329 COIMBRA

susana@esec.pt